

UM DIÁLOGO POSSÍVEL ENTRE ARTE E CIÊNCIA: A LITERATURA NAS AULAS DE METODOLOGIA DE PESQUISA

Graziela Giusti Pachane

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é oferecer uma introdução às reflexões sobre verdade e ciência a partir da abordagem de textos literários, promovendo uma interlocução entre arte e ciência, entre literatura e metodologia da pesquisa (em especial, em educação). Inspirado por uma poesia de Drummond, um conto de Machado de Assis e um romance contemporâneo, de autoria de Lia Neiva, o texto aponta a literatura como forma de se abordarem temas complexos das ciências, como a noção de verdade e realidade, com estudantes de graduação. Introduce, ainda que de modo breve, uma interlocução com produções artísticas variadas – desde imagens com ilusões de ótica até filmes e seriados televisivos – no intuito de tornar as experiências em metodologia de pesquisa mais dinâmicas, mais atraentes e esclarecedoras. Ao final do texto, somos levados a uma reflexão acerca das possibilidades e dos limites da leitura da realidade propiciada por nossas experiências científicas e literárias, bem como de suas interpretações, realizadas/escolhidas segundo nossos caprichos, nossas miopias e nossas ilusões, numa referência direta ao poema “A porta da verdade” de Carlos Drummond de Andrade.

PALAVRAS-CHAVE

Interdisciplinaridade; Metodologia de pesquisa; Literatura; Ciência; Educação superior

A POSSIBLE DIALOGUE BETWEEN ARTS AND SCIENCE: LITERATURE IN THE CLASSES OF RESEARCH METHODOLOGY

ABSTRACT

The aim of this text is to offer an introduction to discussions about truth and science initiated with the use of literary texts. It tries to promote a dialogue between arts and science, between literature and research methodology (specially in education). Inspired on a Drummond's poem, a Machado de Assis' short story of and a contemporary romance, written by Lia Neiva, the text points out to literature as a way to introduce complex themes in science, as the notion of truth and reality, to graduate students. It briefly mentions a dialogue with other artistic productions – from optical illusion images to films and TV series – with the intention of making research methodology classes more dynamic, attractive and elucidative. At the end of the text, we are lead to a reflection about the possibilities and limits of our reading of reality as propitiated by our scientific and literary experiences, as well as the interpretations made/chosen according to our desires, myopias, and illusions, in a direct reference to the poem “The door of truth”, by Carlos Drummond de Andrade.

KEYWORDS

Interdisciplinary; Research methodology; literature; Science; Higher education

INTRODUÇÃO: SITUANDO OS CAMINHOS QUE NOS TROUXERAM ATÉ AQUI

Creio que devo iniciar o presente trabalho situando sua origem, as experiências e reflexões que me levaram a sua elaboração. Sou graduada em Letras, com mestrado e doutorado em Educação, na área de concentração Educação Superior. Iniciei o trabalho como professora universitária nas disciplinas de Comunicação e Expressão e Metodologia da Pesquisa em Educação. Atualmente trabalho na linha de pesquisa “Teorias e Práticas na Educação Superior” no mestrado em Educação Superior da Unitri (Centro Universitário do Triângulo), com projetos específicos na área de formação de professores e didática/currículo para esse nível.

Estudante da Unicamp em todos os níveis, desde o “secundário”, num curso técnico em Edificações, acostumei-me (não com pouca dificuldade, inclusive pela superação da visão exata do curso médio) ao trato das questões de pesquisa, aos exercícios de doutrinação/transgressão temática e metodológica.

De conversas com colegas de diversas instituições, surgiu o interesse de discutir mais a fundo o papel da literatura na Educação Superior, em especial, as múltiplas possibilidades de interdisciplinaridade por ela abertas.

Unindo minha área de formação inicial (Letras), o trabalho com didática e currículo no ensino superior e a experiência discente e docente neste nível, no qual já trabalhei com Metodologia de Pesquisa, surgiu o interesse de discutir a relação literatura/metodologia da pesquisa em educação a partir do prisma da literatura como gatilho para reflexões sobre questões que norteiam a condução de investigações científicas. Entre estas, optamos por privilegiar a noção de verdade, de realidade, as escolhas metodológicas na realização de um projeto de pesquisa, entre outros pontos possíveis de serem abordados a partir da leitura “aberta” que nos possibilita a literatura (inclusive, aqui, realizando uma transgressão inicial que permite a ruptura dos limites de entre ciência e arte, entre razão e sentimento, numa abordagem, digamos, epistemológica e “pós-moderna”...).

A partir destas vivências, tenho observado que, no dia-a-dia universitário, uma das experiências mais difíceis vividas pelos professores desse nível educacional seja o trabalho com o desenvolvimento da atitude científica de seus estudantes, seja ela intrínseca a cada disciplina – como abordagem que une ensino e pesquisa na construção do conhecimento –, ou objeto específico de seu estudo.

No caso particular de disciplinas como Iniciação Científica ou Metodologia de Pesquisa, disciplinas de cunho predominantemente metodológico, supõe-se que todos os professores, uma vez formados em sua área específica em nível superior, estejam preparados para conduzi-las.

Tal compreensão torna-se mais unânime no caso de professores com formação em nível de pós-graduação (desde especialização até pós-doutorado), tendo em vista que os cursos neste nível, em especial os de *lato sensu*, dedicam-se predominantemente – quando não exclusivamente – à formação de pesquisadores.

Considera-se, pois, que estes professores estejam automaticamente habilitados a reproduzir com seus alunos os caminhos necessários para o aprofundamento do saber acumulado e para o desbravamento de novas trilhas nas mais diferentes áreas do conhecimento.

Isso posto, qualquer professor, desde que com carga horária liberada, seria um candidato habilitado ao desenvolvimento da Iniciação Científica e/ou Metodologia da Pesquisa, especialmente quando esta se referir a sua área específica de formação. Sem mencionarmos o caso de professores “especialistas” em Metodologia de Pesquisa, independente da área específica na qual ela se realiza, situação cuja análise demandaria toda uma discussão epistemológica em torno da pertinência, ou não, da introdução da Metodologia da Pesquisa em [uma área específica], o que foge a nossos objetivos para o momento.

Nesta introdução, busco questionar um pouco esta preparação do professor considerada *a priori*, como se todos, apenas pelo fato de terem trilhado o caminho – sem nos questionarmos quantas vezes e de que maneira este trajeto foi percorrido – fossem automaticamente habilitados a serem guias na sua travessia.

Se tal situação, isoladamente, já se apresenta complicada, imaginemos o grau de sua complexidade quando o professor é posto na no situação contexto real de sala de aula, diante de estudantes não tão bem preparados para o trato com os desafios e as incertezas da busca do conhecimento nos níveis anteriores da escolarização.

Penso aqui naqueles estudantes acostumados ao conhecimento pronto, acabado e inquestionável, apresentado por professores que não admitem nem a inversão da ordem das palavras nas respostas (corretas) das questões da prova, “baseadas” integralmente no questionário de revisão, ou naquelas questões utilizadas para a condução da disciplina ao longo do período e cujas respostas, muitas vezes, encontravam-se grafadas em vermelho ou azul, no manual do professor, no item relativo aos exercícios de fixação.

Penso, também, nos estudantes milimetricamente treinados em cursinhos pré-vestibulares para encontrar a resposta certa entre as cinco alternativas propostas, cuidando para não raciocinar muito, pois o questionamento excessivo pode levá-los (e fatalmente os leva...) à resposta errada.

Penso, ainda, naqueles aprovados com louvor ao aceitar, sem pestanejar, a definição de que o *átomo*, menor *partícula da matéria e, portanto, indivisível, é composto por prótons, nêutrons e elétrons*, ou ao considerar, obviamente no caso dos estudantes mais aplicados, que *excessão* está invariavelmente mal redigido (em especial nos dias de hoje, em que o computador automaticamente corrigiu meu desvio gramatical, não aceitando o excesso aumentativo que poeticamente pretendi exprimir...).

Enfim, penso em todos os estudantes acostumados a respostas pré-fabricadas para perguntas pré-definidas e que, ao chegarem ao ensino superior, sentem-se totalmente perdidos diante da tarefa de buscar autonomamente respostas para as perguntas propostas – muitas das quais não se encontram nos manuais – ou, situação mais difícil ainda, a daqueles que – pela primeira vez na vida – tornam-se responsáveis pela criação de suas próprias perguntas, possíveis “problemas de pesquisa”...

Os leitores mais atentos poderiam aqui fazer uma objeção: estudantes contemporâneos e posteriores à introdução das metodologias ativas, do construtivismo, etc., estão mais desenvolvidos no trato com questões polêmicas, com a multiplicidade de respostas, com a desconfiança diante da evidência, que os estudantes educados “tradicionalmente”, como o caso da autora do presente texto.

Voltemos, então, à imagem do guia com seus excursionistas prestes a adentrar em uma trilha (ecológica, para sermos politicamente corretos e contemporaneamente engajados). Como nas condições ideais recriadas pelo estudo da física na escola, em geral, com objetos movendo-se no vácuo, estaríamos diante de um grupo de jovens muito bem preparados e guias idem, capazes de explorar em profundidade as possibilidades oferecidas por aquele território que se propuseram a desbravar.

Considero que esse caso, embora diferente do anterior, no qual supúnhamos ambos despreparados, coloque-nos diante de um mesmo dilema: como percorrer a trilha? Visto por outro ângulo, o desafio que se coloca à nossa frente, em ambos os casos, embora talvez com “intensidade” variada (*quanto?*), seria o de se manter ou se afastar da trilha.

No caso dos estudantes menos preparados, seria talvez mais seguro e prudente manter-se na trilha, já aberta e batida, evitando-se incidentes no percurso. Nesse caso, podemos nos

perguntar: qual seria, então, o aprendizado decorrente da aventura? No que ele seria diferente dos (pelo menos) onze anos de escolaridade vivenciada pelos alunos no ensino fundamental e médio?

No caso dos estudantes mais preparados, manter-se na trilha batida poderia ser considerado um retrocesso, uma vez que estes já estariam preparados para, a partir dos caminhos iniciados por outros, traçar os seus próprios. Porém, nesse caso, como conciliar a infinidade de variáveis possíveis, sob o risco de não se chegar a lugar algum? Como definir as equipes? Optar pelo trabalho individual seria o ideal? Qual seria o papel do guia neste processo?

Talvez aqui, no caso de “guias e excursionistas” experientes, estejamos extrapolando a análise para o escopo da pós-graduação, para a relação entre orientadores e orientandos, para o pólo dos grupos e projetos de pesquisa, entre outros aspectos que poderíamos elencar, relativos ao fazer científico.

Na busca de respostas – ou de outros tantos questionamentos – no âmbito do presente texto, estarei baseada tão somente em minha experiência anterior como estudante e professora e em algumas reflexões iniciais sobre estas vivências (algumas exploradas em maior detalhe em PACHANE, 2005).

Assim, centramo-nos na exploração de um contexto em que alunos chegam à educação superior acostumados à repetição, à compreensão do trabalho de pesquisa como mera colagem de textos variados, a repostas prontas e acabadas, e a uma concepção de verdade e ciência como unívocas e incontestáveis, tornando-se necessário ao professor encontrar caminhos que possam auxiliar os estudantes a romper com concepções estanques e a observar que as verdades podem ser “provisórias”.

Neste sentido, o objetivo do presente trabalho é oferecer uma sugestão de introdução às reflexões sobre verdade, realidade e ciência a partir da abordagem de textos literários, promovendo uma interlocução entre arte e ciência, em especial entre literatura e metodologia da pesquisa em educação.

Agora, já situados, inclusive sobre os possíveis motivos da extensa introdução que me permiti fazer, convido os leitores a prosseguir um pouco mais nesta pequena trilha, em que questiono o sentido da verdade...

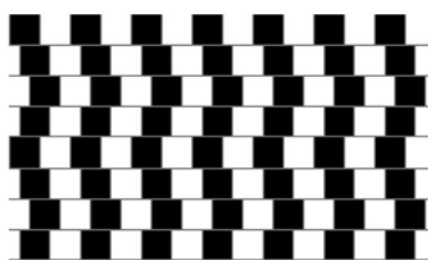
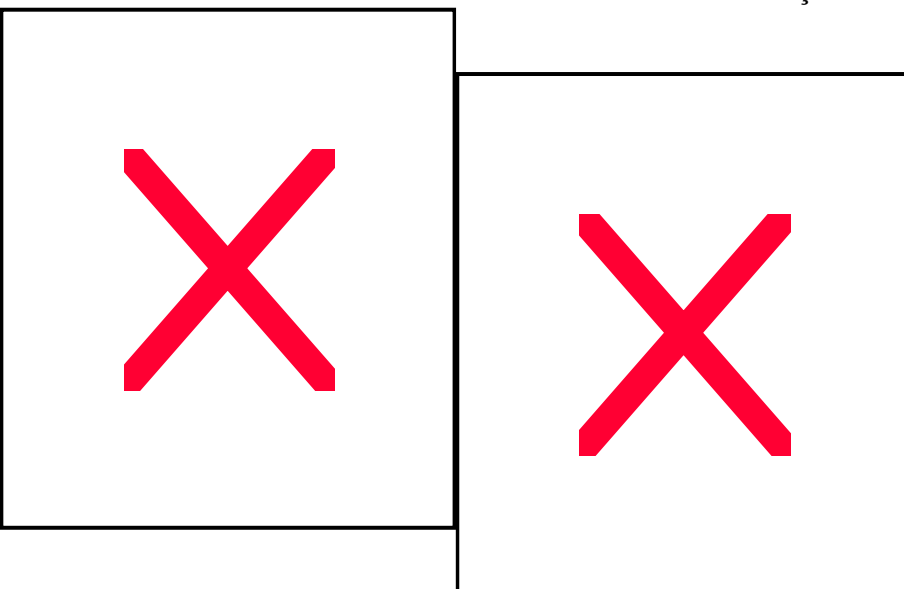
ARTE E CIÊNCIA: DIFERENTES PORTAS PARA A APREENSÃO DE UMA (MESMA) VERDADE?

Consideramos que, no processo de construção do conhecimento, uma das primeiras percepções necessárias a ser desenvolvida com os estudantes – bem como num segundo momento, um dos principais dilemas/conflitos a serem vencidos por qualquer pesquisador – diz respeito ao ponto de vista a partir do qual se analisa determinado objeto/fenômeno, pois, como salientam Selltiz, Wrightsman e Cook (1987, p.1), os métodos de pesquisa determinam o que veremos, já que “cada método traça um caminho diferente e revela diferentes relações”.

Ao desconsiderarmos esta multiplicidade de abordagens, corremos o risco de oferecer aos estudantes uma visão demasiado simplista da ciência, seus limites e suas potencialidades,

desconsiderando as limitações decorrentes do lugar de *onde* se olha e da maneira *como* se olha para determinado objeto.

Para iniciarmos nossas reflexões, poderíamos partir, por exemplo, da apresentação de algumas das famosas figuras de ilusão de ótica que constantemente circulam pela internet.



Será que as linhas horizontais são paralelas, ou não?

FIGURA 1 - Linhas horizontais paralelas?
Fonte: <http://www.alzirazulmira.com/ilusao/lines.jpg>



FIGURA 2 - Homem com cabelo de plantas ou casal romântico se beijando?
Fonte: <http://www.alzirazulmira.com/ilusao/ivyman.htm>

Poderíamos, também, partir da literatura, a exemplo deste poema de Carlos Drummond de Andrade:

A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade

Sinto dificuldade em iniciar esta análise. Cada um de nós, segundo nosso capricho, nossa ilusão, nossa miopia, nossa bagagem, nossa experiência, nossas crenças, faremos uma leitura diferenciada e uma interpretação (válida?) do poema de Drummond.

Porém, busquemos estabelecer uma relação entre este poema – tão fácil de ser aplicado à vida e a seus mistérios – e a Metodologia da Pesquisa (mais especificamente, em Educação).

De início, tendemos a insistir na dicotomia verdade/mentira, porém, com um pouco de esforço, podemos rompê-la, caminhando no sentido de compreender a verdade e sua relação com realidade, com o real, com a percepção e, conseqüentemente, com a ciência.

O poema nos suscita inúmeros questionamentos... Onde está a verdade? Quem tem razão? Onde está a razão? O que é a verdade? O que é a razão? O “verdadeiro” conhecimento se dá somente através da razão? Para os que já estão iniciados no caminhar destas trilhas, em que divergem racionalistas e empiristas? Será que divergem ou apenas contemplam a verdade sob dois prismas diferentes? O homem é capaz de chegar à verdade última? A realidade é como uma cebola feita de camadas, umas mais superficiais e outras mais profundas que, com muito empenho, podemos encontrar? Ou seria, apenas, um fogo que arde em todo seu esplendor, mas que se apresenta a cada olhar de modo diferente, como no poema?

Para além da caverna platônica, um dia vamos vislumbrar o mundo verdadeiro ou ele também não passa para nós de uma ilusão? Alterando nosso foco para os fenômenos de mídia da contemporaneidade, vivemos presos à ilusão da Matrix¹? O que a falta de coincidência entre os “meios perfis”, da Verdade de Drummond, pode nos ensinar sobre nós mesmos, sobre nossa vida? Sobre os relacionamentos conjugais? Sobre as relações entre ocidente e oriente? Entre israelenses, palestinos, ateus e crentes, membros da esquerda e da direita, negros e brancos, homens e mulheres, Vênus e Marte, cegos e videntes, daltônicos e “normais”?

E por falar nisso, existem pessoas normais ou seríamos todos cegos, daltônicos diante de certas realidades, escolhendo sempre conforme nosso capricho?

O *eu* é sujeito, autônomo, individual, indivisível, síntese de múltiplas determinações ou é cindido, fragmentado, forjado pelos rótulos a ele atribuídos pela sociedade da diferença, à semelhança de teorizações realizadas por autores como Foucault e Derrida?

Qual a identidade de um ser que difere entre passado e presente, aquele que ontem torcia pelo Brasil e, de repente, se vê torcendo pela Itália, pois ela pode derrotar a França, que nos derrotou anteriormente. Ou que torce por Portugal, que nos tornou colônia, e pode derrotar a Alemanha, um time forte que pode vir a ser nosso rival numa decisão do futebol, assim como já o foi numa guerra.

Será que foi? A Alemanha contra a qual se lutou na guerra é a mesma Alemanha na qual se realizou em 2006 a Copa do mundo? Quais os limites entre passado e presente, quais os limites que deveriam ser seguidos pelos países? Os geográficos, os culturais, os políticos? Nenhum?

E outras perguntas vão, sem número, se seguindo... O café que o Brasil exporta faz bem à saúde? Faz mal? Deve ser tomado no máximo durante a primeira hora depois de coado para não liberar substâncias tóxicas? Faz bem ao coração e mal ao estômago? Mas, ele não auxilia na digestão? Não afeta o sono? Causa palpitações? Afinal, o café de boa qualidade é exportado e o mantido aqui é de má qualidade? É certo a pátria-mãe alimentar mal a seus próprios filhos e vender o bom produto ao mercado externo? E os transgênicos, seriam eles nada mais que tipos diferentes de “mudas enxertadas”?

E o que diz(er d)a mídia? O que ela nos apresenta cotidianamente, seja pela TV, pelos jornais ou revistas, é a verdade? É apenas *uma* versão da verdade? Uma verdade sob o olhar de quem? Uma verdade que interessa a quem? Até que ponto conhecimento é poder? Até que

¹ Filme dirigido pelos irmãos Wachowski e produzido, em 1999, pela Warner Bros.

ponto somos dominados pelos desejos-ilusões criados-difundidos diariamente a nosso redor e que nos levam a ser esclarecidos cidadãos consumidores/consumistas?

Se pensarmos com Foucault e Tomaz Tadeu da Silva, devemos desconfiar das definições filosóficas de verdade... Para eles, a verdade não é simplesmente uma questão de verificação empírica, mas “uma questão de correspondência com uma suposta “realidade”. Tratando da visão pós-estruturalista de verdade, Silva observa:

a perspectiva pós-estruturalista não apenas questiona essa noção de verdade; ela, de forma mais radical, abandona a ênfase na “verdade” para destacar, em vez disso, o processo pelo qual algo é considerado como verdadeiro. A questão não é, pois, a de saber se algo é verdadeiro, mas, sim, de saber por que esse algo se tornou verdadeiro. (Silva, 1999, p. 123-124).

Cabe-nos, então, perguntar, as realidades, em si, existem? Ou como questionava Bob, personagem em plena crise adolescente do seriado Família Dinossauros² – figura pré-historic contemporânea para não cair na necessidade de evocar outros filósofos que, desde a Grécia antiga, se detêm nesta discussão – “se uma árvore cai no meio da floresta e ninguém vê, a árvore teria mesmo caído?”.

Após as evocações sobre verdade/realidade trazidas pelo poema, e pelas interlocuções com imagens, filmes e seriados, podemos complementar as discussões sobre verdade/realidade com a leitura do conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis.

No texto, o autor narra, em primeira pessoa, uma noite de Natal “nos idos de 1861 ou 1862”. O narrador-protagonista, enquanto esperava pela Missa do Galo, travava uma conversação, no mínimo estranha, com D. Conceição, que o hospedava na Corte: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora [Conceição], há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta”.

Prosseguindo, o narrador nos conta que o marido de Conceição “trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana”. Acrescenta que a esposa padecera, a princípio, com a existência da outra; mas, “resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito”. Em sua descrição, nos informa sobre Conceição que...

² Série produzida pela Disney em parceria com a Jim Henson Productions e a Michael Jacobs Productions, sob direção de Willian Dear, gravada entre 1991 e 1993, cuja exibição no Brasil iniciou-se na Rede Globo em 1992 e, atualmente, é parte da programação do SBT (maiores detalhes podem ser encontrados no site da emissora: <http://www.sbt.com.br/series/dinossauros/>).

Chamavam-lhe "a santa", e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido. Em verdade, era um temperamento moderado, sem extremos, nem grandes lágrimas, nem grandes risos. No capítulo de que trato, dava para maometana; aceitaria um harém, com as aparências salvas. Deus me perdoe, se a julgo mal. Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio. Era o que chamamos uma pessoa simpática. Não dizia mal de ninguém, perdoava tudo. Não sabia odiar; pode ser até que não soubesse amar.

E enquanto o jovem rapaz aguardava na sala de estar pelo horário da missa... Eis que Conceição aparece e trava com ele uma (estranha?) conversação...

Como eu lhe perguntasse se a havia acordado, sem querer, fazendo barulho, respondeu com presteza:

— Não! qual! Acordei por acordar.

Fitei-a um pouco e duvidei da afirmativa. Os olhos não eram de pessoa que acabasse de dormir; pareciam não ter ainda pegado no sono. Essa observação, porém, que valeria alguma coisa em outro espírito, depressa a botei fora, sem advertir que talvez não dormisse justamente por minha causa, e mentisse para me não afligir ou aborrecer. Já disse que ela era boa, muito boa.

(...)

— Mais baixo! Mamãe pode acordar. (...) Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono.

— Eu também sou assim.

(...)

— Há ocasiões em que sou como mamãe: acordando, custa-me dormir outra vez, rolo na cama, à toa, levanto-me, acendo vela, passeio, torno a deitar-me, e nada.

— Foi o que lhe aconteceu hoje.

— Não, não, atalhou ela.

Não entendi a negativa; ela pode ser que também não a entendesse. (...)[grifos nossos]

Aparentemente, neste trecho, Conceição se contradiz sobre o modo como acordou. Haveria ela acordado por acordar, como disse da primeira vez, ou não, como sugeriu na segunda? Isso sem mencionarmos o julgamento implícito, mas logo botado fora, pelo narrador... O que se passava na cabeça da jovem senhora? Era gentil? Estava entediada? Tentava seduzir? Mentia? Enganara-se? Era enganada? Como convivía com “sua verdade”?

De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranqüilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite.

E o que ia pela cabeça do jovem convidado? Sentia-se seduzido? Amedrontado? Era inocente vítima em mãos de mulher experiente ou via coisas que não existiam no coração de uma sofredora resignada?

E [Conceição] não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo.

As memórias que o protagonista tem no momento da narrativa, decorridos tantos anos, já não se encontram perturbadas por lapsos, esquecimentos, fatos posteriores, vivências suas que ajudam a tornar aquelas imagens imprecisas? Por conhecimentos que o ajudam a alternar suas percepções e seus julgamentos?

Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me. Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima. Estava de pé, os braços cruzados; eu, em respeito a ela, quis levantar-me; não consentiu, pôs uma das mãos no meu ombro, e obrigou-me a estar sentado. Cuidei que ia dizer alguma coisa; mas estremeceu, como se tivesse um arrepio de frio, voltou as costas e foi sentar-se na cadeira, onde me achara lendo.

Podemos confiar no que ele diz? Estaria aquela jovem senhora, traída, passiva, apenas preenchendo o vazio de sua existência sem “*as canseiras de família, que lhe diziam ser muitas, antes de casar, mas não eram nada*” numa conversa superficial com o jovem rapaz? Teria ela interesse em seduzi-lo para vingar-se do marido que passava a noite de Natal com a outra ou, simplesmente, por viverem um relacionamento “aberto”? Estaria ela convidando o jovem a retirar-se o mais breve possível de sua casa a fim de que pudesse receber sem constrangimento seu amante, o “rato” que fazia tanto barulho no gabinete do marido enquanto a conversa se desenrolava monótona na sala?

Chegamos a ficar por algum tempo, — não posso dizer quanto, — inteiramente calados. O rumor único e escasso era um roer de camundongo no gabinete, que me acordou daquela espécie de sonolência; quis falar dele, mas não achei modo. Conceição parecia estar devaneando. Subitamente, ouvi uma pancada na janela, do lado de fora, e uma voz que bradava: “Missa do galo! missa do galo!” [...] Saí à rua e achei o vizinho que esperava. Guiamos dali para a igreja. [...] Durante o dia, achei-a como sempre, natural, benígna, sem nada que fizesse lembrar a conversação da véspera. Pelo Ano-Bom fui para Mangaratiba. Quando tornei ao Rio de Janeiro, em março, o escrivão tinha morrido de apoplexia. Conceição morava no Engenho Novo, mas nem a visitei nem a encontrei. Ouvi mais tarde que casara com o escrevente juramentado do marido.

Uma vez mais, a literatura pode nos ajudar a exemplificar e refletir sobre as limitações da interpretação cotidiana e, por que não, também da interpretação científica. Como o fogo da verdade de Drummond, a genialidade de Machado de Assis nos faz vislumbrar as chamas da

personagem Conceição a partir de nossas miopias, de nossas ilusões, de nossos desejos, talvez de uma moral ou de um comportamento que desejaríamos viver – ou ver vividos – e, não o podendo, projetamos em suas protagonistas...

Voltando ao tópico da Metodologia de Pesquisa, podemos cair na tentação de forjar nossas verdades nos resultados de nossos estudos, habituados que estamos a ter que encontrar a resposta correta... aquela que confirma nossas hipóteses...

Lembro-me de um texto, encontrado uma vez em um pequeno livro para introdução de alunos à leitura em inglês. Como foi um daqueles que nos passam pelas mãos e se vão passando, não tenho a referência, e reproduzo precariamente aqui seu conteúdo...

Minha primeira pesquisa

Hipótese: as aranhas ouvem pelas patas

Material: aranha, pinça, papel branco, mesa

Procedimento: colocar a aranha sobre o papel branco, na mesa e ordenar que ela ande. Em seguida, arrancar uma das patas e gritar novamente, assim, sucessivamente até todas as patas terem sido arrancadas.

Resultados: colocada a aranha sobre o papel e ordenando para que a mesma andasse, ela andou imediatamente, compreendendo a ordem. Ao ser retirada a primeira pata, a aranha demorou para caminhar. Com todas as patas retiradas, a aranha não mais obedeceu às ordens.

Conclusão: como a aranha deixou de caminhar, após a retirada das patas, não obedecendo, portanto, a ordem dada, fica confirmada a hipótese de que as aranhas ouvem pelas patas.

Isso sem mencionar que a aranha, além de ouvir pelas patas, tinha bom domínio do idioma...

Analisamos até aqui um poema, um conto e fizemos a sugestão de relações com filmes, seriados de TV e imagens artísticas. Foram todos textos que podemos considerar “breves”, fáceis de serem utilizados em sala de aula dada a necessidade de síntese cada vez maior em nossas vidas, tão atribuladas. Porém, o uso de um texto um pouco mais longo, em havendo tempo hábil, pode ser considerado.

Como sugestão, podemos incluir, entre tantas outras possibilidades não menos atraentes, um texto contemporâneo, e muito criativo, escrito por Lia Neiva. Nele, somos apresentados a Victor Alexandre...

Nos idos de 1940, o professor Victor Alexandre, com remorso de cinco anos a correr-lhe as entranhas, volta à Casa de Pasto Azul, um pequeno restaurante provinciano de propriedade de certo Epaminondas, na busca de respostas e de um pouco de consolo para um

crime ocultado, do qual fora involuntariamente mentor, graças à astúcia de Epaminondas. Em seus pensamentos...

Epaminondas demonstrava saber pouco sobre Dalmo, entretanto, o homem era freqüentador assíduo do Azul, um cliente indiscreto e falador, o tipo de indivíduo que adora fazer confidências, que não guarda segredos e que desconhece o recato. Por conseguinte, era mister que o comerciante conhecesse mais sobre a vida do reclamista, sua família e emprego, do que dera a entender naquele dia. A ser verdadeira tal suposição, Epaminondas usara de uma manobra ardilosa e ignóbil para induzi-lo, cliente novo e desavisado, ao erro fatal. Portando-se como se de nada soubesse, omitindo-se, ele o conduzira ao abismo da desgraça. (NEIVA, 1999, p. 5).

Alternando contos em estilo romântico, realista, naturalista, modernista e pós-modernista, Lia Neiva, a criativa autora de **A gata do rio Nilo**, nos conta, a partir do ponto de vista de cada um dos principais envolvidos na história (respectivamente Epaminondas, o misterioso dono do “Azul”; Victor Alexandre, o professor, involuntário mentor de um assassinato; Dalmo, o marido grosseiro e assassino; e, finalmente, D. Glorinha e D. Naná, as responsáveis pelo – e vítimas do – desfecho trágico do enredo), os acontecimentos que levaram Dalmo, após um casamento que só gerava desgosto, a assassinar sua esposa.

Ao desvendar um pouco do pensamento e do sofrimento de cada personagem, vamos nos identificando com cada um, entendendo suas fraquezas e, com base no estilo literário a que seus contos pertencem, construindo um pouco de sua personalidade.

Por diferentes prismas e aproximações, a “verdade” a respeito de cada um e dos fatos efetivamente ocorridos, vai se descortinando e se compondo, até que entendemos como todos foram vítimas, ou mero instrumentos, das ardilosas investidas de D. Glorinha, após um reencontro de vidas passadas com aquela que um dia lhe fez sofrer...

Mulher e gata se confundem na história; passado e presente também. Delírio e imaginação, nem se fale. O conto pós-modernista de D. Naná relata o estado de imobilidade, porém cheio de reflexões, da esposa recém-assassinada até esta se dar conta do acontecido...

Uma pena não podermos desvendar mais do conto, o que poderia roubar o desejo dos leitores que porventura tenham interesse em conhecê-lo, uma vez que, ao contrário das

dissertações – cuja qualidade reside em seu escancaramento, no esclarecimento pormenorizado de cada particularidade, na fundamentação de cada idéia, na clareza e objetividade que trata de cada aspecto –, um dos grandes trunfos das narrativas reside em suas possibilidades múltiplas de interpretação e, principalmente, no suspense que as circunda...

Fica, porém, a sugestão do presente texto como componente na busca de compreensão da “verdade”, de suas múltiplas facetas de poliedro opaco e de nossas possíveis interpretações, sempre presas a nosso limitado ponto de vista, a nossas ilusões e miopias...

NA NECESSIDADE DE CONCLUIR... UMA PAUSA NO CAMINHO

O percurso aqui elaborado, longe de defender a estagnação frente à impossibilidade de chegarmos à verdade última, busca enfatizar a necessidade de compreendermos as verdades como sínteses provisórias e de desenvolvermos a atitude de desconfiarmos sempre, perguntando-nos *quem disse o que e em que circunstância*. Enfim, a necessidade de nos questionarmos, entre outros aspectos, sobre as condições de produção de determinadas “verdades”, pois, afinal, as discussões aqui levantadas podem não apontar para a inexistência de uma verdade única e externa a nós. Talvez, apontem, apenas, para os limites de nossas percepções, por mais informadas, aprofundadas, acuradas, precisas e sutis que sejam (ou que se pretendam...).

Acreditamos que os textos propostos nos levam a desconfiar de nós mesmos, de nosso poder de análise, de nossa pretensa superioridade intelectual. Levam-nos a pensar em nossa humildade, na necessidade que temos de conviver, de respeitar e valorizar o olhar do outro, na necessidade que temos de aprender a aceitar as possíveis derrotas de sistemas inteiros de explicação do mundo, como se um dia nós, seres pretensamente esclarecidos, tivéssemos de deixar de acreditar na idéia tão óbvia de que a Terra gira em torno do Sol...

Leva-nos a superar visões anteriores, porém sem descartá-las de todo, como no caso da mecânica quântica, cujas teorias superam as da mecânica clássica, mas não as invalidam, uma vez que sua aplicação a fenômenos macroscópicos ainda se mostra profícua.

No âmbito da ciência e da educação, estes textos fazem de nós, cientistas, professores e alunos, sujeitos simples e humildes, que deveriam alegremente se submeter ao olhar do outro – suas sugestões, suas críticas, suas compreensões diversas –, sem medo de

desmoralização. No mesmo movimento, fazem de nós sujeitos que poderiam oferecer suas sugestões, críticas e opiniões sem arroubos de vaidade, muito menos, disputas de poder/saber.

No âmbito da literatura, da intertextualidade, os textos propostos nos remetem a tantos outros... A tantos poemas, contos, novelas e textos filosóficos... Tantas emoções e histórias que nos ajudam a ilustrar e complementar o estudo da ciência.

Antes de finalizar, uma última observação se faz necessária construção do diálogo entre arte e ciência. Impossível para mim, ao olhar para este texto e para o rumo que dei em sua construção, não pensar em Boaventura Souza Santos, e no Discurso sobre a Ciência. Lá, sobre o processo de construção do conhecimento, o autor confia:

Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada. Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta. Numa fase de revolução científica como a que atravessamos, essa pluralidade de métodos só é possível mediante transgressão metodológica (SANTOS, 1987, p. 48).

E prossegue:

A transgressão metodológica repercute-se nos estilos e gêneros literários que presidem à escrita científica. A ciência pós-moderna não segue um estilo unidimensional, facilmente identificável; seu estilo é uma configuração de estilos construída segundo o critério e a imaginação pessoal do cientista. A tolerância discursiva é o outro lado da pluralidade metodológica.” (p.48-49).

Por fim, considera que “a ciência pós-moderna sabe que nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional. Tenta, pois, dialogar com outras formas de conhecimento deixando-se penetrar por elas.” (SANTOS, 1987, p. 55).

Assim, sinto que este texto, pelo seu caráter, por sua temática e construção, partilha desta possibilidade de tolerância, e de defesa, à “transgressão metodológica”.

Ele ousa apresentar-se numa nova (seria nova mesmo?) forma de escrever a ciência. Ousa sugerir que nos aventuremos em trilhas pouco exploradas, para testar seus limites, seus desafios (e os nossos próprios limites e desafios). Ousa sugerir que a educação dos estudantes universitários, na busca do desenvolvimento do pensamento científico, devesse ser aberta, criativa, transgressora, menos rigorosa na fixação de apenas um caminho possível. Ousa sugerir que deveríamos, alunos e professores, ser levados a saborear diferentes caminhos antes de optar, de acordo com nossa miopia, nossos caprichos, nossas ilusões, encaminhando-nos pela porta que nos conduza à verdade considerada mais bela.

Cientes, porém, que nenhuma é perfeitamente bela...

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. A porta da verdade. In: *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro: Record, 2001. (disponível em <http://memoriaviva.digi.com.br/drummond/poema072.htm>. Acesso em 20-11-2005).

ASSIS, Machado. Missa do Galo. In: CAVALCANTE, Djalma. *Contos completos de Machado de Assis*. Ed. UFJF, 2000. (conto também disponível no site <http://www.biblio.com.br/Templates/MachadodeAssis/missadogalo.htm>. Acesso em 20-11-2005).

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 4ª. Ed. São Paulo: Ática, 1995.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana – danças, piruetas e mascaradas*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida: pulsações*. São Paulo: Rocco, 1999.

NEIVA, Lia. *A gata do rio Nilo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

PACHANE, Graziela Giusti Pachane. Reflexões acerca do trabalho na disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação: a pesquisa-ação e seu potencial formativo. Unitri, 2005 (relatório de pesquisa).

PESSOA, Fernando. Poema XLVIII. *O guardador de rebanhos e outros poemas* (Alberto Caeiro). São Paulo: Cultrix, 1988. (poema também disponível em <http://www.fabiorocha.com.br/pessoa.htm>).

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice - o social e o político na pós-modernidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Um Discurso sobre a Ciência*. Porto, Portugal: Editora Afrontamento, 1987.

SELLTIZ, WRIGHTSMAN, COOK. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. vol. 1, 2 e 3. 2. ed. bras. São Paulo: EPU, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GRAZIELA GIUSTI PACHANE

Docente no Mestrado em Educação Superior – Unitri
Centro Universitário do Triângulo – Uberlândia - MG
e.mail: grazielagp@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 25/09/2006
Artigo para publicação em: 27/12/2006